

Nem todo empresário tem medo da ascensão de Lula. Há até quem ache salutar.

Embora boa parte dos empresários se assuste com uma possível vitória de Luís Inácio Lula da Silva, nem todos pensam que, concretizada esta hipótese, seja inevitável uma radicalização do conflito capital x trabalho. Lula "tenderia a fazer um governo do estilo Felipe Gonzales, o primeiro-ministro espanhol que tem uma visão na modernidade", arrisca o presidente da Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica, Paulo Vellinho. Tanto Collor de Mello quanto Lula, diz ele, encontrarão pouca margem de manobra em seus governos, em face da crise econômica.

A ascensão de Lula ao 2º turno é encarada como "salutar" pelo presidente da Federação Nacional dos Revendedores de Veículos (Fenabrave), Alencar Burti. A partir desse fato, afirma Burti, "o empresariado terá de se mostrar mais organizado". Ele não prevê qualquer confronto entre capital e trabalho, mesmo numa administração de esquerda.

Outro empresário para o qual Lula não tomará o caminho do confronto entre capital x trabalho, como estratégia para o segundo turno, é o novo titular do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (Ciesp) da região de Santo André, João Paulo de Amorim. "O Lula é inteligente e sabe que não interessa para o PT e para o Brasil esse tipo de maniqueísmo", afirma o diretor da entidade que representa 4 mil empresas na região do ABC paulista, berço em que nasceu o Partido dos Trabalhadores. João Paulo de Amorim tem procurado tranquilizar os empresários sobre os rumos do Brasil nesse período de disputa e também quanto aos desdobramentos após 17 de dezembro.

Tais avaliações, entretanto, não significam que os empresários não venham se engajando, de forma crescente, na campanha de Collor de Mello. Hoje, a Federação das Indústrias do Rio Grande do Sul pode divulgar um apoio explícito ao candidato do PRN. O presidente da entidade, Luiz Carlos Mandelli, já havia anunciado sua preferência por Collor ainda no primeiro turno e ontem reuniu os diretores da Federação para convencê-los a tomar a mesma posição. A reunião de ontem à noite pode concluir também por não apoiar explicitamente o candidato do PRN, mas posicionar-se em favor de determinado tipo de governo, ressaltando pontos de desconformidade com as propostas do PT.

A aposta em Collor também é feita por grandes empresários do Rio, que ontem se reuniram num almoço promovido pelo Sindicato dos Bancos do Estado. No caso de uma vitória de Lula, porém, eles não prevêem nenhum clima de convulsão no País. A polarização entre Collor e Lula, acreditam, não vai gerar uma nova situação de crise, nem alterar seus projetos de investimento no País. O presidente da Internacional Engenharia e vice da Montreal Engenharia, Sérgio Quintela — que votou em Aureliano Chaves no 1º turno e votará em Collor no 2º —, afirma que as empresas do grupo mantêm suas projeções de investimento para 90, de US\$ 40 milhões. O presidente do Sindicato dos Bancos, Theóphilo Azeredo Santos — que vota Collor nos dois turnos — pensa que, na hipótese de dar Lula, os empresários devem ajudá-lo a resolver os problemas que tiver pela frente, pelo menos com sugestões.